

Vista interior do Passeio da Estrella

Quando publicámos a vista externa do passeio da Estrella [1], fizemos a historia completa d'este mimoso jardim publiço, o mais bem situado, aprazivel e amodernado que tem Lisboa.

De então para cá algumas obras se lhe fizeram, principalmente para o tornar bem assombrado de arvores e arbustos escolhidos.

Para esse artigo, cujos elementos nos foram obsequiosamente ministrados pelo chefe da contadoria da municipalidade, remettemos os leitores que ainda não hajam conhecimento do modo por que se fez tão util melhoramento n'aquelle bairro.

Acrescentaremos agora, que um dos benemeritos portuguezes estabelecidos no Rio de Janeiro, que contribuiram com os seus donativos para este passeio publico, foi o sr. Visconde da Estrella, actual presidente da Sociedade Portugueza de Beneficencia, no Rio de Janeiro, que tem o titulo que o ennobreceu ligado á fundação de uma obra que tanto concorreu para o ornamento de Lisboa.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

XIV

A MORTE DE UMA CRIANÇA

Desconsolador é este titulo! Mas é preciso que os nossos leitores algumas vezes o meditem, e, a tempo, considerem que bem morrer, no dizer da alta sabedoria, é o alvo onde visam os maximos cuidados da vida. Bemaventurado aquelle que, por mercê de suas virtudes, sae da terra sem deixar odios, e se eleva ao Senhor com animo intemente!

[1] Vid. o n. 17 do 2. vol.

Não é, porém, nosso intento discursar ácerca da morte. Levâmos em mira mostrar aos meninos o desacerto com que apreciam os motivos de rigor que se lhes figura tyrannia; e, além d'isto, quão longe estão de comprehender a força de amor que seus paes lhes tem. Bem novo era eu ainda para me ter em conta de mais ajuizado e previsto que meu pae, quando presenciei um caso, do qual inferi que não ha ahi fraqueza que não possa disparar graves consequencias, nem ternura que possa competir com a do pae por seus filhos. Vou contar-vos o caso.

Tinha eu, e tenho ainda, nas cercanías de Paris, um amigo, que denominarei Dussert. Em 1818, epocha do nosso conto, Dussert teria 36 annos, o duplo da minha edade; assim mesmo dava-me consideração em sua estima, contando-me os seus negocios e intenções. Era ainda meu parente, fôra criado commigo, á sombra de meu pae, que nos fizera irmãos em quinhão da sua ternura; e elle por gratidão a meu pae me estimava assim.

Dussert, aos 18 annos, jurou bandeiras, e, após a campanha da Russia, em 1812, deu baixa para casar-se com uma encantadora menina. Era honestissimo Dussert, rigoroso em justiça, e ao mesmo tempo severo a ponto de desprazer ás pessoas que o conheciam superficialmente. Afeito a mandar soldadesca, cujo primeiro merecimento é a summa obediencia, nenhuma resistencia nem detença tolerava ás suas ordens. Criados que as não executassem logo e sem réplica, eram impontados inexoravelmente. A primeira vez que entrei no interior do seu viver fiquei admirado do regimen d'aquella casa.

Era lavrador Dussert: mas lavrador como usam ser alguns dos suburbios de Paris, que não lavram a terra, nem ceifam as cearas: são empreiteiros que tem cincoenta ou mais cavallos, vinte abegões, dez ou doze

servas, tudo de portas a dentro. Ao abrir a manhã, Dussert cavalgava, e corria os campos, a vigiar os obreiros. Ao anoitecer, confluiam á granja, e ceiavam todos n'uma vastissima cozinha. Dussert não ceiava; mas assistia.

Fui vêl-o um dia: andava elle fóra, e eu estive com sua esposa n'uma sala adornada elegantemente, onde a senhora tocou piano. Perto da noite me disse ella com muita graça: «Acabou-se a representação de dama de sala; agora começa a de lavradora. Vou deixal-o: aqui tem livros e gazetas: faça quanto podér por se aborrecer o menos que possa.»

Ao mesmo tempo ouvi o tropel dos cavallos e carroças que entravam, a gritaria dos pastores, o praguejar dos carreteiros, as gargalhadas dos abegões. Não pude conter-me que não dissesse:

— Pois a senhora vae metter-se entre este gentio todo?

— Que remedio! — respondeu. Quem ha de cuidar no bom tratamento d'elles?

Contemplando eu aquella senhora de dezoito annos, meiga e bella, distincta em graças, elegantemente trajada de musselina branca, delicada de pés, flexivel e donairosa, não pude combinar com tanto mimo o ir ella á cozinha intender no bem estar d'aquelles labregos que faziam gritaria no pateo. Mostrei-lhe o meu espanto, e ella convidou-me a seguil-a. Descemos á cozinha onde vinha entrando a criadagem. Cada operario cortejou com respeitosa e amiga cordialidade a senhora, e cobrindo-se continuou a palestriar com seus camaradas. Já todos estavam dentro, e o falatorio atordoava a cabeça. De repente todos se calam e se descobrem; mas ninguem falla, nem leva o boné á cabeça. Profundo silencio, especie de medo social se apodéra de todos. É que Dussert vinha entrando. Sentaram-se o mais em socego que poderam, e começou a ceia.

Dussert dirigiu-me poucas palavras, e foi sentar-se a um canto da lareira a ler o jornal, em quanto sua mulher andava em redor da mesa, cuidando do bem estar dos criados. E eu reparava nos mudos signaes de gratidão, e sorrisos affectuosos com que elles respondiam aos cuidados da sua adoravel ama.

Rara palavra proferiram durante a ceia: dir-se-hia um repasto de frades da Trappa!

Acabada a refeição, subimos á sala. Como Dussert me dava liberdade de opinião, francamente lhe disse que notava muita differença no modo como os servos receberam a ama, e o receberam a elle.

Sorriu-se, e disse:

— Crês tu, porém, que elles me não amam por que se temem de mim?

— Creio que amam superiormente tua mulher.

— E tem razão — replicou — porque ella é um anjo de bondade e brandura, e lhes perdôa muitas culpas; mas, ouve lá, e guarda isto de memoria, esta gente está presa a mim muito mais do que pensa. Tenho expulsado d'entre elles os maus; e dos bons ainda nenhum me deixou. A justiça imparcial, embora seja inflexivel, é coisa mais rara que a bondade: chega a ser um freio salutar para aquelles que a precisam, visto que previne a inclinação que elles podem ter ao mal. A indulgencia é quasi sempre funesta.

A sra. Dussert sorriu.

— Sim, — proseguiu seriamente seu marido — tu ignoras isto, porque as tuas virtudes dispensam sabêl-o; porém quantos criados bons se perdem por se não terem castigado pela primeira culpa! quantas crianças se estragam com a indulgencia que paes e mães qualificam de virtude!

— Como! — atalhou a dama — se o ceo nos désse um filho, tu serías com elle rigoroso como és com os criados?

— Sem duvida nenhuma — respondeu Dussert.

E elle acreditava-o assim, porque não sabia o que que era amor de pae, esse sentir profundo que todos os sentimentos avassalla.

A esposa ficára melancolica. Mudámos de pratica. Fallámos na minha ida para a provincia, que a minha visita era de despedida.

Saí no dia seguinte, e, pouco depois, deixei Paris por alguns annos. Ao longe soube que Dussert era pae d'uma menina, e mandei-lhe os emboras. Durava ainda a impressão da ultima visita, e por isso cedi á vontade de aconselhal-o no tocante á educação de sua filha. A rigidez de Dussert, com respeito á esposa, tão boa e meiga que seria incapaz de contrarial-o, não me inquietava; porém, pela criança, incapaz de entender-lhe os apuros de severidade, é que eu muito receiava. Fiei-me, pois, na indulgencia dos meus conselhos; e, muito a pezar e assombro meu, observei na resposta, que os seus principios de severidade eram inalteraveis.

Volvi a Paris, e, no dia mesmo da chegada, fui ver meu primo. Cheguei ao anoitecer, á hora de ceia. Tudo pelo mesmo teor de vida: os obreiros em redor da mesa; Dussert ao canto do lar folheando o jornal; a senhora vigiando o serviço. Entretanto, se á vista era o mesmo aspecto, dava-se fé logo de uma mudança, que quer que fosse! Não pésava o silencio antigo, como se respeitassem menos a leitura do patrão, e elle propriamente parecia como n'outro tempo indifferente aos frouxos de riso que rebentavam d'aqui ou d'acolá. Que extraordinaria coisa o absorve, a ponto de não dar tino do que se passa em roda?

Era tão sómente uma criancinha de tres annos que girava em volta da mesa fallando a uns e outros, escondendo a carapuça d'este, e trepando aos joelhos d'aquelle. Dussert, se a bulha era muita, voltava o rosto, e chamava a filha, mas encarando-a sem colera, e fallando-lhe sem aspereza.

Depois de poucas palavras ácerca da minha estada na provincia, cheguei á senhora, e disse-lhe sorrindo:

— Ora ahi está! A inflexibilidade de meu primo amolleceram-n'a os encantos da sua linda Luiza.

— Cale-se — me tornou ella a meia voz — não lhe diga tal, porque elle, sem dar por isso, está dominado pelo amor de nossa querida filhinha. Cuida elle que é sempre severo, e ficaria espantado sabendo que a deixa fazer o que ella quer. A rigidez de meu marido não lhe está no coração, e nos costumes. O que elle sabía era mandar; o amor de pae é que elle não conhecia.

Volvidos dias, asou-se-me o ensejo de conhecer que a dama tinha razão. Como fossemos ver recolherem-se os operarios, ouvimos exclamar Dussert:

— Não me fallem n'isso, que elle é um incorrigivel!

O feitor dos operarios respondeu:

— Meu senhor, attenda a que a velha mãe d'este moço não tem ninguem mais que a sustente. Elle restituirá os dois carneiros que deixou perder. Nós o ajudaremos; mas o senhor não o imponte! Se o senhor o manda embora, ninguem o acceitará.

— Que é isso? — redarguiu Dussert — a mim não se me importam os carneiros; o que eu não quero é em minha casa um calaceiro que dorme em vez de guardar o rebanho, ou que fez peior ainda, deixando o gado para ir furtar fructa dos visinhos.

Aproximámo-nos, e vimos um pastorinho, chamado Gabriel, rodeado de trabalhadores, a tremer e a chorar diante do amo.

A senhora foi muito serena ante seu marido, e disse-lhe:

— Meu amigo, parece-me que...

Dussert interrompeu-a logo, exclamando:

— Não me dês o incommodo de te contrariar, não peças o perdão d'este miseravel. Já o expulsei...

— Perdão! — balbuciou o pastor — foi pr'amor de... foi ella que...

— Tirem-m'o d'aqui! — bradou Dussert em tom que não tolerava contradicção.

Foi-se chorando o pegureiro, e cada qual tomou o seu logar á mesa.

Correu tristemente a ceia; Luiza não girava em roda da mesa com as suas engraçadas travessuras. Sentou-se aos pés de sua mãe, e tirava a occultas dos bolsinhos do avental umas avelans que ia deitando ao lume. Dussert, admirado do socego da cozinha, como outr'ora se admiraria da bulha que se fez na vespera, inclinou-se a Luiza, e disse-lhe:

— Tu não brincas esta noite? Que tens?

— Nada, papá — respondeu ella, córando até ás orelhas.

— Que estás a fazer?

— Não faço nada...

— Não fazes nada? Que é isso que atiras ao lume? parecem-me avelans.

— Não é, papá... não tenho avelans... — disse a tremer a menina.

— Não?! então que é isto na algibeira?

Luiza calou-se, fez uns amuos, e entrou a deitar lagrimas.

— Que vem a ser isso? — disse o pae com aspereza. — A menina mente-me?

A pobre criança deu em tremer e soluçar, e logo, lançada em joelhos diante do pae, exclamou:

— Ó papá, não me mande embora, não me mande embora!

Dussert, grandemente agitado, tomou a filha para si, em quanto eu e a mãe a socegavamos; porém, ella continuou a chorar e a dizer soluçando:

— Não me mande embora, não me mande embora!

O pae acariciava-a entre os braços, e promettia perdoar-lhe. Até que finalmente, Luiza tranquillisada, acabou dizendo-nos, entre soluços:

— Foi porque eu... que eu... tinha vontade de avelans, e disse ao Gabriel que m'as fosse buscar á matta, e foi então que os carneiros fugiram.

— E és tu a causa — disse a mãe — de ser despedido o pastor.

— Ora vamos — atalhou o pae — nada de reprehensões. Isso não torna a acontecer.

— Pois sim, disse Luiza, mas, se o pae manda embora o Gabriel, eu fico triste.

— Está bom! — tornou Dussert, sorrindo — vae dizer-lhe que venha ceiar, e fique.

— Bonito papá! — exclamou a menina, saltando-lhe aos joelhos. — Eu vou já chamal-o!

Corria esta scena durante a ceia, e ninguem tugiu nem mugiu em todo o tempo que ella durou. Porém, assim que Luiza saíu, ergueu-se um murmurio de contentamento. Uns obedeciam ao bom coração; outros alegraram-se villãmente: parece que já o pronuncio d'uma criança de tres annos tinha seus aduladores. Dizendo eu á dama que seu marido me parecia nimiamente facil em perdoar, e que assim auctorisava a menina a reclamar dos criados condescendencias nem sempre perdoaveis por amor d'ella, a mãe riu-se.

— Querem ver — acudiu a senhora — que o nosso primo é mais severo que meu marido! O que eu queria era vêl-o pae, e depois fallariamos. Se o senhor soubesse o que é ver chorar e soffrer um filho!... Não tenho palavras com que me faça entender; mas parece-me que não é com olhos e ouvidos que se vê e ouve o chorar d'um filho; hei de pensar que é o coração que nos chora e grita dentro do peito. O senhor não percebe isto. Só pae e mãe sabem o que é amar.

Esqueceram-me estes successos em Paris, quando alguns mezes depois, ás nove horas da noite, um criado se apeou no pateo da minha residencia e me entregou uma carta, com estas quasi inintelligiveis palavras: «Minha filha está a morrer. Vem... Um medico.»

Fiz sellar o cavallo, e corri a casa do meu medico. Montei no cavallo do criado, e partimos, a galope desapoderado, caminho de A... Apeámo-nos e corremos á alcova da sra. Dussert. Lastimoso espectaculo! Estava Luiza no collo da mãe: aquellas frescas faces estavam lividas, e os olhos a saltarem das orbitas, e toda ella convulsiva, expedindo agudissimos gritos. A mãe anciada apertando-a ao seio, perguntava-lhe coisas a que a menina não respondia. Dussert, sentado á beira, estava pallido como a filha, sem movimento, com a cabeça descaída sobre o seio, e os olhos espasmodicos.

Quando entrámos, dir-se-hia que um golpe sobrenatural os ferira simultaneamente. A dama dirigiu-se ao doutor, que não conhecia, mas que a sua dor maternal adivinhou, e mostrou-lhe a filha. Dussert tambem se ergueu, mas não póde dar passada. Os olhos dos suspensos criados cravaram-se no doutor; e nem sequer se ouvia o respirar. Era um terrivel silencio, porque a primeira palavra do medico sería sentença de vida ou de morte. Collocada Luiza n'uma cama, o doutor examinou-a.

— Está envenenada esta menina — disse elle.

Estrugiu um grito de horror: a idéa de tamanho crime associado a tamanha desgraça assombrou toda aquella gente. Remiravam-se todos, quando Dussert, pensando unicamente em sua filha, bradou:

— Mas que se ha de fazer?

O medico receitou um vomitorio, e em quanto o medicamento se aviava com drogas da pharmacia domestica, desci á cozinha a inquirir os criados: cada qual se defendia exasperadamente, e offerecia sua vida em prova de seu bom comportamento. N'este comenos, entrou um lavrador, e, não me vendo entre os criados, disse:

— Já lá vae... morreu!

— Quem morreu? — exclamei eu.

Respondeu com medrosa perplexidade:

— Gabriel.

— Envenenado?

Callaram-se todos. O lavrador, coagido pelas mesmas perguntas, acabou por me dizer que o pastor Gabriel lhe confessára ter ido em cata de miscaros, a pedido de Luiza, e uma criada os cozinhára, e elles os tinham comido ás escondidas. Fiz chamar a criada; mas ella tinha fugido. Voltei ao quarto da sra. Dussert. Contei ao doutor o que sabia, e elle me mostrou fragmentos dos miscaros no vomito de Luiza. N'este momento estava ella socegada, e os paes sentados um aos pés e outro á cabeceira do leito, sem se verem nem fallarem, de absorvidos que eram em sua desesperação. O medico fez-me signal, e fomos para um canto, onde elle me disse:

— Dentro de um quarto de hora aquella criança está morta. Vê se afastas d'aqui os paes, que as derradeiras convulsões vão ser horriveis.

Fiquei passado. Não havia que fazer nem dizer. Persuadido estava eu que a mãe de Luiza me obedeceria, dizendo-lhe que me seguisse: tão docil e submissa ella era; mas receiava dizel-o a Dussert, cuja resolução em coisas minimas eu conhecia. Tinha visto aquelle homem supportar com insolito valor angustias atrozes, e desesperava por isso de o afastar do leito da filha agonisante. Ainda assim, cheguei-me a elle, e disse-lhe brandamente:

— Meu amigo, tenho que te dizer. Vem d'ahi.

Ergueu-se, relanceou os olhos quebrantados sobre a filha, e chorou como criança, caindo em meus braços, e exclamando:

— Queres levar-me para a não ver morrer? Deixa-me estar... peço-te que me deixes estar.

Verdadeiramente não queria elle retirar-se; mas sua

alma estava incapaz de resistencia: a dor amolgára aquelle caracter inflexivel e voluntarioso. Isto me tinha em assombro, quando, a um aceno do medico, insisti, aproveitando aquelle instante de quebranto:

— Vamos, Dussert; sê homem! Anda...

Tomei-lhe as mãos. Esperava eu que elle se lançasse sobre o leito da filha tenazmente; não foi assim: seguiu-me de fronte pendida, e olhos congestionados de lagrimas, repetindo com dilacerante voz:

— Por que me levas? — deixa-me, deixa-me ficar.

Fui-o levando até o entregar a outra pessoa, com recommendação de o tirarem ao ar do jardim. Voltei ao quarto de Luiza; estava em phrenesis. Tentei levar a mãe, com a facilidade que eu imagínára. Peguei-lhe na mão, e disse-lhe com firmeza:

— Prima, seu marido espera-a...

Ergueu ella o rosto; e eu accrescentei:

— A sua presença aqui é inutil.

— Inutil! — exclamou a senhora, erguendo-se de golpe.

Nunca, nunca ouvi brado tão sublime, nem tão fulminante olhar como o d'ella, ao expedir a exclamação. Não ha palavras que pintem a indignação d'aquelles olhos, nem o pavoroso d'aquelle brado!

— Inutil! — repetiu.

E parecia ter em conta de louco ou miseravel o homem que ousava propor-lhe abandonar a filha. Nem mais palavra lhe disse.

O medico insistiu com ella.

— Que me querem? — replicou a angustiada mãe — Não sáio d'aqui!

O doutor quiz tomar-lhe as mãos, e ella bradou:

— Não se chegue para mim, que eu não sei o que farei... E com furioso gesto, lançou mão de uma faca!

Fiquei estupefacto de tamanha colera em mulher tão fragil e branda. É que eu não sabia o que é amor de pae e mãe; não sabia como elle póde quebrar a mais robusta coragem, e irritar o animo mais submisso.

No entanto, alguns gritos de Luiza nos annunciaram as derradeiras convulsões. A criancinha agarrava-se aos lençoes, como querendo segurar a vida que lhe fugia. A mãe, com os olhos cravados n'ella, chorava-a com desesperação, e não sabia dizer-lhe mais do que estas palavras:

— Luiza!... Luiza!... sou eu... é tua mãe, Luiza!...

A menina não respondia, e relanceava um olhar insensivel e morto ao rumor que ouvia, e voltava os olhos, sem dar signal de ter reconhecido a mãe, cujos clamores redobravam então. Aproveitámos o ensejo d'ella se ajoelhar á beira do leito, e, segurando-a pelas costas, conseguimos arrastal-a; mas, com tamanhos impetos estrebuchava, que foi preciso auxilio de vigorosos criados para conter aquella mulher tão delicada. Tirámo-la, em fim, d'aquelle quarto para ella não ver as horrendas e extremas convulsões da filha.

Luisa expirou minutos depois.

Desci ao jardim. Chovia. A senhora estava sentada n'um banco, e não sabia as pessoas que a convidavam a recolher-se da chuva. Estava desgrenhada. Ouvia-se-lhe o bater dos dentes. Escorria-lhe agua o vestido. O marido, ajoelhado com a cabeça no regaço d'ella, nem dava tino da chuva, nem escutava, mais que a esposa, as exhortações dos circunstantes. O medico mandou sair toda a gente, e conduziu-me comsigo. Mostrei-me temeroso do que podia acontecer, e elle disse-me:

— Não vê que só elles podem, a sós, chorar, e entenderem-se de coração para coração? Querer consola-los seria infligir-lhes maior supplicio que a sua desesperação... Deixemo-los chorar: a dor vae nas lagrimas. Depois voltaremos.

De feito, voltámos. Vimos Dussert sentado ao lado de sua esposa, e conversando com ella, que o escutava. Ao aproximar-me, Dussert offereceu-me a sua mão, e chorou uma lagrima, agradecendo ao doutor. Ella, ao revez, chorava copiosamente; quando, porém, lhe pedi que me seguisse e repousasse, ella, sem proferir palavra, foi commigo humildemente.

No dia seguinte consegui que Dussert deixasse temporariamente aquella casa. Sairam. Tomei a meu cargo o enterro de Luiza, e a averiguação do envenenamento. Fiz procurar a criada que cozinhára os miscaros, e soube que ella tão allucinada ficára por ter sido causa d'aquella desgraça, que se afogára n'um poço.

Gabriel estava já morto. Todos tinham morrido victimas do mesmo erro.

Esta historia vem a proposito de mostrar aos meninos que, muitas vezes, com razão e a bem d'elles, são punidos severamente por pequenas culpas, que podem abrir caminho a grandissimas desgraças. — *De F. Soulié* (Versão de C. C).

O NOVO MATADOIRO

A necessidade de construir um novo matadoiro de gado para o consumo de Lisboa, por ser mui acanhado e sordido o que havia, estando além d'isso no centro da cidade, determinou a camara municipal a mandar estudar por peritos o sitio mais adequado para este edificio, e principalmente fazer um risco segundo os melhores que houvesse na Europa.

Tinham os peritos escolhido o sitio do Alto do Varejão; mas, como se suscitassem duvidas sobre esta escolha, pela razão de ficar proximo do cemiterio do Alto de S. João, a camara consultou o governo sobre a conveniencia de se ouvirem sobre este ponto a Eschola Medico-cirurgica de Lisboa, e a Academia das Sciencias.

Eis aqui a conclusão do parecer da Academia.

«Consequentemente a secção de medicina da Academia Real das Sciencias entende que, debaixo do ponto de vista hygienico, não ha motivo algum, pretexto, ou apprehensão, sequer, que possa fazer com que se não prefira entre os dois locaes propostos para a edificação de um matadoiro publico o do Alto do Varejão ao da Cruz do Taboado, ficando as officinas todas circumscriptas nas quintas do Meio ou do Côxo, e a da Madre de Deos.

«Attendendo, porém, a que a população de Lisboa cresce de anno para anno; attendendo ao modo por que a cidade está lançada n'uma grande extensão pela margem direita do Tejo; attendendo a que a calçada das Lages fica na extrema oriental d'esta grande extensão; e attendendo, finalmente, a que o caminho de ferro ha de trazer á capital uma população fluctuante considerabilissima, como nos outros paizes em que elles existem; a secção de medicina entende que muito conviria construir dois matadoiros publicos, a saber: o do Alto do Varejão para a parte oriental de Lisboa, e outro na outra extremidade para a parte occidental da mesma cidade. Esta é a opinião da secção, a 7 de novembro de 1854. — *Francisco Antonio Barral. — Bernardino Antonio Gomes — Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.*»

A opinião da Eschola Medico-cirurgica é a seguinte.

«Temos demonstrado que os matadoiros bem construidos não são nem perigosos, nem insalubres, nem incommodos.

«Que os argumentos tirados da direcção dos ventos, geralmente reinantes em Lisboa, apresentados pelos que julgam perigosa a collocação do matadoiro na Cruz do Taboado, são contradictorios e infundados.

«Que o matadoiro de Lisboa, onde se abatem 27:890

rezes por anno, não carece de 90:000 litros de agua por dia, mas só de 22:500 litros.

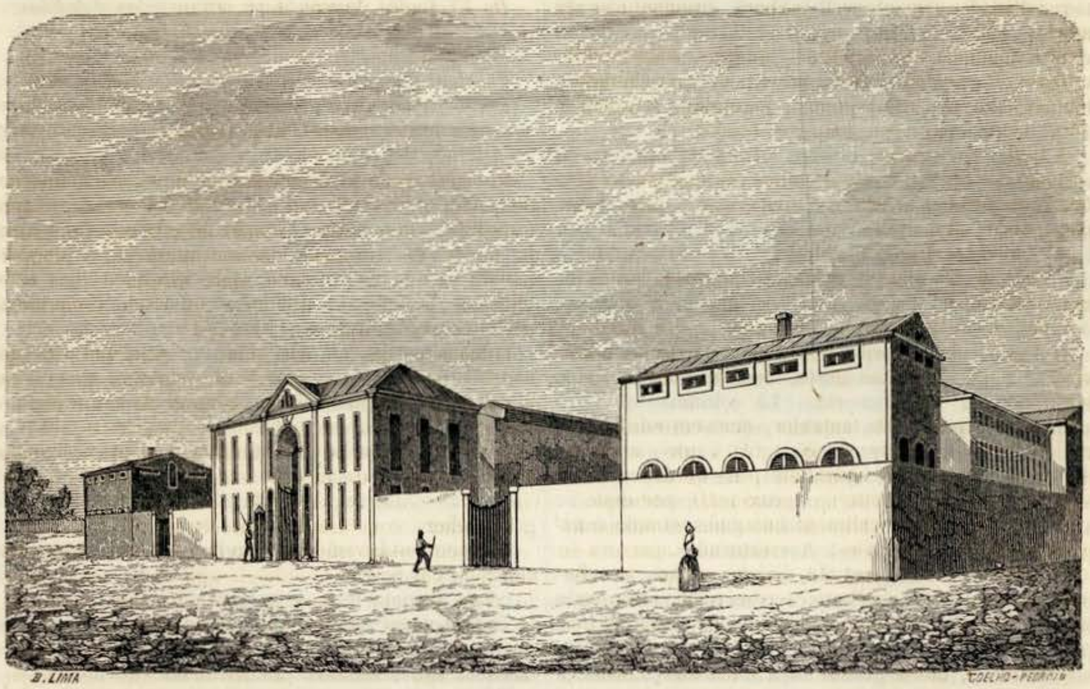
«Que essa agua póde ser tirada do aqueducto, porque subtrahindo vinte pipas, parte da que actualmente se gasta nas officinas de triparia, o resto só faz para cada habitante de Lisboa, e durante quatro mezes no anno, uma differença para menos, na sua ração de agua, de onça e meia proximamente.

«Que não se querendo empregar a agua do aqueducto, na Cruz do Taboado, em contiguidade com o local destinado para o matadoiro, se encontram poços com agua potavel e abundante.

Que o escoamento das aguas do matadoiro se póde fazer pelos canos geraes sem inconveniente, antes com vantagem para a limpeza d'elles.

«Que os receios em vista dos perigos que póde correr a saude publica são exageradamente infundados.

«Poderiamos agora discutir os argumentos administrativos que se apresentaram para provar a conveniencia de construir o matadoiro no Alto do Varejão. Poderiamos fazer sobresaír a contradicção entre dizer-se que não ha inconveniente ficar o matadoiro ao Alto do Varejão, apesar de distar um quarto de hora de caminho do alto da Cruz do Taboado no centro da cidade, e achar que ha inconveniente n'este ultimo local por se achar distante o mesmo quarto de hora do caminho de ferro; provando-se unicamente por estas duas affirmações, que a distancia entre os dois locaes é mais curta para os homens do que para os animaes, ou que um quarto de hora de caminho póde deteriorar a saude de um boi, ou finalmente que se argumentou com grande leviandade.



Perspectiva do novo matadoiro

«Poderiamos mostrar a conveniencia economica que resulta para os particulares e para o municipio da proximidade do matadoiro á parte mais central da cidade. Poderiamos calcular tambem o valor das terras a expropriar, e das construcções a fazer no Alto do Varejão e na Cruz do Taboado. Poderiamos lembrar que não é para desattender a circunstancia de ficar no Alto do Varejão o matadoiro mui proximo do cemiterio, não porque as emanações d'este possam prejudicar as substancias alimenticias, mas porque o decoro publico, o respeito que se deve á memoria dos que já foram, a intima veneração que todos sentimos pelos mortos, esta como adoração que cada homem consagra á sepultura dos seus, tudo está aconselhando que do cemiterio se afaste o mais possivel toda a mundanidade, tudo o que póde perturbar as orações dos que choram sobre os sepulchros.

«Não o faremos, porém, porque foi só sobre as condições hygienicas das duas localidades escolhidas para em uma d'ellas se edificar o matadoiro, que a Academia foi consultada, e só da parte hygienica julgâmos dever occupar-nos n'esta nota.

«Concluimos pois:

«1.° Um matadoiro bem construido, não sendo nem perigoso, nem insalubre, nem incommodo, póde ser edificado em qualquer dos dois locaes, Alto do Varejão, ou Alto da Cruz do Taboado.

«2.° A academia na sua consulta deverá recommendar á Camara Municipal que empregue toda a diligencia e efficacia para que o matadoiro seja perfeitamente construido, e em tudo egual, pelo menos, aos melhores do estrangeiro.

«3.° As razões economicas e administrativas são as unicas que devem dirigir a Camara Municipal na preferencia de um ou outro dos locaes propostos.

«Lisboa, 9 de Novembro de 1854. — *João de Andrade Corvo — Thomaz de Carvalho*».

A camara, auctorisada com tão competentes votos, preferiu o sitio da Cruz do Taboado: e poz logo em praça a obra da construcção, segundo o risco do seu architecto, o sr. Pezerat.

Dâmos hoje em estampa a perspectiva do novo matadoiro e a divisão interna, com a minuciosa descripção e medição de todas as officinas, feita pelo mui habil desenhador da repartição technica da camara municipal de Lisboa, o sr. Felgueiras Junior.

A — Corpo central — Entrada principal e geral. A direita habitação do porteiro, fiel, escriptorio da marchanteria e gabinete do veterinario. A esquerda estação de policia, habitação do administrador do estabe-

lecimento, escrivão, e alojamento dos guardas da alfandega municipal. Este corpo é de dois pavimentos, e tem de frente 35^{m},40 por 11^{m},20 de fundo.

B — 2.º corpo, 1.ª divisão — Á direita grande arrecadação das carnes com destino aos talhos da cidade. Á esquerda a casa da balança, as mesas fiscaes da marchanteria e da alfandega municipal. Estas duas casas tem 35^{m},40 por 13^{m} de fundo. Sustentam-se sobre oito columnas de ferro.

C — 2.º corpo, 2.ª divisão — Grande casa da matança dos bois e vitellas. Esta casa tem 35^{m},40 na sua largura por 51^{m} de comprimento. É sustentada por 40 columnas de ferro de 5^{m} de altura. Alternadamente tem grandes torneiras para fornecimento de agua, e braços de metal com bicos de gaz. No intervallo de columna a columna, e no sentido longitudinal, estão collocadas as pias *(t t)*, razas com o solo, que recebem o sangue da matança. No sentido transversal estão collocados os apparelhos para guindar o gado morto, para ser aberto e retalhado. Todo o pavimento é asphaltado.

D — 2.º corpo, 3.ª divisão — Casa reservada para a matança das rezes dos judeus, segundo o seu rito. — 11^{m},65 por 7^{m},50.

E — 2.º corpo, 4.ª divisão — Casa da matança de carneiros. — 11^{m},65 por 7^{m},50.

F G — 2.º corpo, 5.ª e 6.ª divisões — Pequenas abegoarias para carneiros e vitellas. — 11^{m},65 por 7^{m},50. Este 2.º corpo, formado pelas 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª divisões, é cercado de todos os quatro lados pelos grandes pateos *(a a a b b b)*, e occupa uma superficie de 2.265^{m},60.

H Z — 3.º e 4.º corpos, 1.ª divisão — Grandes abegoarias para bois. Cada uma d'estas tem 11^{m},20 de largo por 51^{m} de comprido. 13 columnas de ferro sustentam o pavimento superior, que serve de palheiros e de diversas arrecadações. No centro acham-se duas manjedoiras *(e e)* parallelas, feitas de cantaria, e havendo entre ambas uma coxia *(f)*, por onde se vigia e se ministra o alimento ao gado. O solo é asphaltado, e as paredes e tectos estucados.

I — 3.º e 4.º corpos, 2.ª divisão — Parte da abegoaria, do lado do nascente, é reservada para o gado bravo, que, depois de introduzido na jaula *(g)*, é passado á jaula transporte *(h)*, ahi laçado, corre esta nos *rails (i)*, até á grande casa da matança, onde a rez é morta.

J J — 3.º e 4.º corpos, 3.ª e 4.ª divisões — Pequenas abegoarias para carneiros e vitellas, tendo cada uma 11^{m},65 por 10^{m}. No pavimento superior achamse estabelecidos os escriptorios e aposentos dos marchantes. Cada uma das grandes abegoarias póde accommodar 100 rezes.

N. B. A abegoaria do lado do poente tem as mesmas dimensões e divisões que a do lado do nascente, excepto a divisão destinada para o gado bravo.

K — Grande deposito de agua para abastecimento de todo o edificio, comportando 30:000 litros de agua aproximadamente, que estão constantemente renovados pela presa de agua com que o cheio do tanque está nivelado; de tal modo que, logo que pelo consumo abaixa o nivel do tanque, acode uma porção egual de agua, em quanto, sendo cheio, a agua na presa tresvasa no aqueducto geral.

L — 5.º corpo — Officina para a cozedura das tripas na caldeira *(j)* e lavagem das mesmas nos tanques de cantaria *(k k)*. Esta officina tem 21^{m},20 por 11^{m},20.

M — 6.º corpo — Grande laboratorio para fundição dos sebos. Uma caldeira de vapor da força de 4 cavallos produz esse resultado em seis caldeiras de fundição collocadas convenientemente. O sebo reduzido ao estado liquido, vasado em fórmas de diversas dimensões, e comprimido em uma prensa, é em seguida depositado nos enxugadoiros. Esta officina tem uma área de 21^{m},20 de largo por 11^{m},20 de comprido.

N — 7.º corpo — Casa destinada ao enxugo dos sebos preparados, tendo 21^{m},20 de largura por 11^{m},20 de comprimento.

O — Entrada do corpo central ao fundo.

P P — 8.º corpo, 1.ª e 2.ª divisões — Casas de reserva.

Q — 8.º corpo, 3.ª divisão — Casa de reserva.

R — 8.º corpo, 4.ª divisão — Quarto do mestre da matança.

S — 8.º corpo, 5.ª divisão — Quarto para se vestirem os operadores da matança.

Este corpo tem 35^{m},40 de largo por 11^{m},20 de comprido.

T — 9.º corpo — Casa destinada ao enxugo dos sebos e tripas preparadas. É asphaltada.

U — Telheiro destinado ao enxugo das *delgadas*.

V X — Pateos de enxugo. São asphaltados.

W — Estrumeiras.

Y — Latrinas. O solo d'este pateo é asphaltado.

l m — Escadas para o pavimento das abobadas, que occupam todo o espaço da grande abegoaria *(Z)*, lado do poente, do pateo *(V)* da casa do enxugo *(N)*, fazendo cunhal, ao noroeste, seguindo pela parte inferior do pateo *(X)* e do corpo central *(P P O Q R S)*, isto é, uma extensão egual a 147^{m} por 9^{m},50 de largo, sendo toda a abobada sustentada por duas linhas parallelas de pilares de cantaria. O pé direito d'estas abobadas é de 4^{m}. São occupadas, do lado do poente, parte pelas fressureiras, e parte, do lado do norte, por depositos de coiramas, chifres, e sal para as salgas, tanto dos coiros como das carnes, quando se torne necessario. Todo o solo das abobadas é asphaltado.

n o — Conductores para descerem do pateo para as abobadas coiros e sal.

p q r s — Almacegas, ou tanques nos pateos para o gado beber.

u u u etc. — Divisões de gradaria de ferro com cancellos nos pateos.

v v — Entrada para os pateos.

Toda a canalisação para o gaz e agua é de ferro e chumbo. Todas as casas são illuminadas a gaz, e todas tem agua, inclusivè as abobadas.

Tem, além d'isso, um grande cano de despejo de fórma ovoide, e todo de cantaria, que corre ao centro do edificio, em toda a extensão da frente a fundo. N'elle vão verter todos os canos parciaes dos corpos que compõem este vasto estabelecimento.

N. B. Os pateos são todos calçados, circundados de valetas com sumidoiros, e atravessados de passeios pedrados, salvo os que já se declarou serem asphaltados.

O plano geral d'este vasto edificio é concepção do engenheiro da municipalidade, o sr. Pedro José Pézerat.

Foi mandado executar pela municipalidade em 1859, sendo posta em arrematação a sua construcção.

As propostas foram em carta fechada.

Deu-se de arrematação ao empreiteiro José Maria de Macedo por 96:000$000 réis, assignando-se o contrato em 7 de julho de 1859.

Foi constructor Francisco Vianna Ruas.

As modificações feitas no projecto, e varios acrescimos, elevaram o custo do novo matadoiro á importante somma de 160:000$000 réis.

A maior reputação e gloria de um rei é dar a paz, não porque a ha mister, senão porque a quer dar.

P. Antonio Vieira.

DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCHOLAS PRIMARIAS

(Vid. pag. 191)

CARTAS A UM PROFESSOR

II

Meu caro Leonardo

Marvilla 15 de julho de 1863.

Tendo promettido na primeira carta dar-vos os esclarecimentos que me havieis pedido, e primeiro que tudo uma idéa clara de religião, calcúlo pela ambição de saber que sempre vos conheci, e agora, mais que nunca, vos consome, a impaciencia com que a esta hora estaes esperando esta carta. Mas, em fim — não ha bem que dure, nem mal que ature — a vossa impaciencia vae acabar; tanto assim, que, sem mais preludios, vou já entrar na materia.

Para bem nos ficarmos entendendo, tomemos a palavra «religião» que vem da latina «religare» *ligar, tornar a ligar*, como synonyma de «relação» e digamos: Religião é a relação entre Deus e o homem que o conhece e ama, como Elle permitte e quer ser do homem conhecido e amado.

Em toda a relação se devem suppor dois termos, que se communicam e penetram sem se confundirem; e dois são tambem os elementos que a constituem — *acção* do primeiro termo sobre o segundo, e *reacção* do segundo para o primeiro — os quaes, cruzando-se e confundindo-se, formam um terceiro ser, por intermedio do qual os dois termos se ficam communicando. De maneira que, para que a relação se estabeleça, não basta a *acção* do primeiro termo; é necessario que esta seja *sentida e acceita* d'aquelle sobre que ella se exerce, e produza *reacção*.

Ora, havendo entre Deus e o homem uma relação de conhecimento e de amor, o que em presença do facto da adoração, a todos patente, se não póde negar, ha de necessariamente existir uma acção analoga de Deus sobre a alma humana, e a reacção da parte d'esta para com Deus.

Tratemos pois de conhecer cada um d'estes elementos de per si, e de saber como a *relação* entre o homem e Deus se estabelece, tomando as coisas como ellas se passam entre nós, onde felizmente todos fomos baptisados na infancia, e raro é o baptismo administrado aos adultos. Penetremos na alma da criança christã, e observemos cuidadosamente o que n'esse sanctuario se passa até ao feliz momento em que, pelo acto da adoração, que é o acto mais eminentemente religioso, essa alma se enlaça livremente com Deus.

A acção de Deus sobre a alma, sob qualquer fórma que ella se exerça, é sempre a graça; pois que graça é tudo o que de Deus nos vem, graça se deve considerar todo e qualquer meio pelo qual o Ser infinitamente independente, que de nada precisa para ser feliz, nos faz a ineffavel mercê de nos procurar e dirigir-se a nós, convidando-nos, por assim dizer, a travar conhecimento com Elle, e a que o amemos como Elle nos ama, para nos fazer participantes da sua felicidade.

Esta acção começa a exercer-se pelo acto do baptismo, pelo qual, apagada a mancha do peccado original, destruido pela applicação dos merecimentos do Salvador este obstaculo á união da alma com Deus, o divino Espirito n'ella fica residindo e a graça actuando.

Todavia, como o homem n'este estado, e ainda mesmo depois das suas faculdades intellectuaes e moraes haverem entrado em exercicio, não póde ter consciencia d'estas operações interiores da graça, por maior que seja a misericordia d'este beneficio, e a relação se não possa nunca estabelecer, como acima fica dito, sem que a acção, primeiro elemento d'ella, seja sentida e acceita consciente e livremente, nullo seria o effeito d'essas operações, se a acção divina a isto se limitasse, e não provocasse por outra fórma a reacção.

Mas Deus, que tendo creado o homem livre, não quer nem póde, porque é justo, fazer-lhe violencia, e só trata de ganhal-o e attrahil-o a si pelo amor com que não cessa de o procurar, todas as coisas tem para esse fim dispostas da maneira por que a sabedoria com a Omnipotencia o podiam fazer. Quando a criança começa a distinguir-se dos objectos que a cercam, a conhecel-os e nomeal-os; quando a vida intellectual começa a desenvolver-se ao contacto da palavra que de fóra lhe vae fecundar a intelligencia, a acção divina, que procura chegar á alma de maneira que seja por ella sentida, dirige-se-lhe tambem então do exterior sob a fórma sensivel da palavra dos paes, do mestre e do padre, pela qual Deus se lhe vae dando a conhecer como Creador e Conservador do universo, Auctor e Bemfeitor da humanidade, pela qual se vae pouco a pouco vasando na alma de cada christão o precioso balsamo da verdade por Deus revelada ao mundo e depositada na egreja.

A este engenhoso meio, pelo qual a acção divina do exterior penetra e chega até á alma através do corpo que a envolve, accresce o espectaculo do universo, que com a belleza e variedade das obras da creação, não só occasiona esses tão frequentes como admiraveis dialogos, em que a mãe, ainda a mais ignorante, melhor que ninguem falla de Deus, respondendo ás repetidas e interminaveis perguntas do filhinho que de tudo quer saber a razão, mas vae sempre servindo de confirmação ao que progressivamente se lhe vae ensinando do poder, sabedoria, bondade e mais attributos e perfeições de Deus.

Eis a acção divina, primeiro elemento da relação entre o homem e Deus, e como ella se exerce; vejamos em que consiste a reacção da parte do homem, e de que modo se opéra.

Ao sol, verificador da acção divina, que na alma se vae exercer pela palavra que lhe serve de vehiculo, a preciosa semente que pelo baptismo n'ella foi lançada começa logo a germinar; a alma assente prompta e facilmente á verdade revelada, que lhe é transmittida pelo ensino tradicional; e este assentimento ou adhesão pela intelligencia e pelo coração á acção divina que a toca por meio da palavra que d'ella é portadora, é a fé, principio da reacção ou elevação da alma para Deus, base de todo o edificio religioso.

Ao ver-se pela fé em presença do Ser Omnipotente e soberano Senhor de tudo, o que primeiramente o homem experimenta é o temor — esse temor que do homem se apodera ao aproximar-se de tudo aquillo em que a auctoridade reside ou falla. Mas essa impressão não chega a dominar n'elle, porque o amor gerado ao mesmo tempo pela bondade divina, de que elle vê, além d'outras, a maior prova na dadiva e conservação da propria existencia, que tanto préza e ama, modifica o temor, e por tal fórma se une com elle, que vem juntas a formar o respeito, que por isso se póde chamar *um temor affectuoso, ou uma affeição timida*.

Depois, collocado a conveniente distancia pelo respeito — pelo *temor*, que afugenta, e o *amor*, que o detem e impelle para Deus — e contemplando, já senhor de si, as obras do Creador, o poder e a sabedoria de que ellas são a manifestação, produzem-lhe n'alma a admiração e assombro. Nota a belleza e bondade de todas e de cada uma d'essas obras; os bens que ellas lhe prodigalisam a toda a hora; fita os olhos na figura de Christo, que á luz do ensino lhe apparece como a mais grandiosa manifestação da divina Bondade; pensa no immenso beneficio da Redempção, e na felicidade eterna que pelo Divino

Mediador póde obter; e á vista de tudo isso o reconhecimento nasce e cresce a par da admiração. Volta-se para si e para os seus similhantes, e ao ver a sua pequenez e fraqueza perante tal magestade, magnificencia e poder, sente a sua dependencia, a necessidade de recorrer ao Ser Supremo e Misericordioso pedindo-lhe auxilio, a impossibilidade de corresponder condignamente a tantos beneficios recebidos, a tantas provas de amor de que é objecto, e o desejo de o servir e de viver sempre em submissão á sua santa vontade.

E todos estes sentimentos, respeito, admiração, reconhecimento, dependencia, submissão e desejo de servir ao Senhor, encorporando-se, formam unidos o que se chama o *sentimento religioso*, e se converte no acto da *adoração*, que é *o acto pelo qual o homem rende a Deus a homenagem que lhe é devida, como Soberano Senhor de todas as coisas e Bemfeitor da humanidade, reconhecendo a sua dependencia, e fazendo-lhe offerenda e oblação de todo o seu ser.*

Aqui tendes vós, pois, como a reacção da parte do homem, começando pela fé e consummando-se pelo amor, completa a relação, sagrado laço que nos liga a Deus; eis a adoração em espirito e verdade, a religião, o culto interno.

Do culto externo trataremos na seguinte carta.

P. M. D'AGUILAR.

A BOCA NO CORAÇÃO

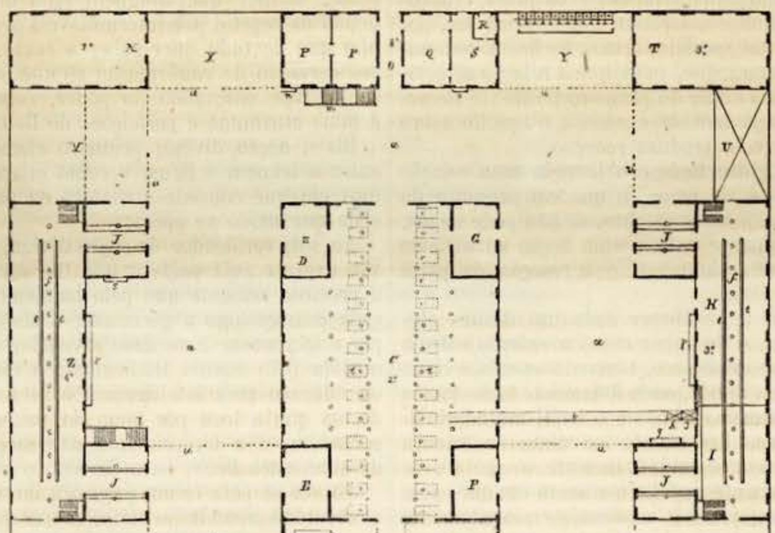
O nescio tem o coração na boca, pela qual entorna as necedades que n'elle tem, como panella, que fervendo com a vehemencia do fogo, se embravece; comparação de que usou o sabio Proverb. 15: *Os fatuorum ebullit stultitiam.*

Em contrario, o prudente, o sabio, tem a boca no coração, do qual sáem as palavras saboridas, e temperadas com o sal da graça e aviso; porque primeiro passam pela lima da consideração que saiam á lingua; e assim é mui necessario, para evitar os desares e erros no fallar, o exame da premeditação considerada.

Mostremol-o: o exemplo singular da Virgem Nossa Senhora, que saudada do anjo, e annunciada mãe de Deus, *cogitabat qualis esset ista salutatio:* primeiro cuidou, e considerou coisa tão alta, porque *os justi meditabitur sapientiam.* E expendendo prudente o que havia de responder, *lingua ejus loquebatur judicium, cogitabat,* e havendo expendido, deu seu consentimento, *fiat mihi secundum verbum tuum.*

D'aqui aprenda o que deseja ser prudente, que primeiro que falle e responda, cuide, pese, e expenda, o que, o como, e em que modo e tempo ha de fazel-o; e então responderá com madureza e aviso, não com accelerada pressa, que assim n'isto como nas acções se vê a prudencia do homem.

PLANTA DO NOVO MATADOIRO — Vid. o artigo a pag. 212



Escala de 0,001 por metro ou 1 por 1000

D'esta maneira sairão as palavras gizadas, medidas e cortadas pela discrição, que o multiplical-as argue pouco saber; pelo que veiu a dizer-se, que em Athenas e suas escholas, não entravam gralhas, ave que pelo gralhido denota os falladores; e ainda por as excederem as andorinhas, no muito e apressado de suas cantilenas, disse d'ellas Euripedes: que se aquillo indicára sabedoria, podiam estas apostar-se com todas as outras aves por mais sabias que fossem.

É signal pois de prudencia o fallar pouco. Seja o fallar breve e copioso nas sentenças, do contrario procedeu motejar Demócrito de Anaximenes, começando uma oração, dizendo-lhe que era largo nas palavras, e pouco sentencioso. Não ha traça melhor para encobrir faltas de saber, (e sem este, ganhar-se credito de avisado) que o calar ou o fallar moderado.

Ir interromper a pratica alheia, de necedade passa a descortezia parvoa, coisa tão commum como notada dos que a entendem, e reprovada no XVIII capitulo dos Proverbios, que diz: Merece que o marquem e corram por parvo, aquelle que responde antes que acabe de ouvir o que o outro falla, por isso no Eccl. cap. XI. se dá por conselho. Não respondas antes de ouvires, nem te mettas a fallar no meio do discurso alheio.

Tudo isto nasce de trazer o coração na boca, quando o prudente traz a boca no coração.